



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de encerramento do seminário empresarial “Brasil-Países Baixos, Oportunidades de Negócios”

Haia-Holanda, 11 de abril de 2008

Não foi possível nem ver um jogo de futebol e nem ver Amsterdã, com a agenda que foi feita para vir aqui. Se alguém perguntar para mim: “Presidente, o senhor conhece Amsterdã?” Eu vou dizer: não, porque não consegui ver Amsterdã. Mas fica para a próxima.

Com satisfação, me dirijo a este seminário, ao término de minha visita aos Países Baixos. Estou certo de que os representantes dos governos e do setor privado brasileiro e neerlandês trocaram informações, identificaram oportunidades de negócios e criaram laços ainda mais fortes entre nossos países.

Já no século XVII, quando se constituiu a Companhia das Índias Ocidentais, era grande o interesse neerlandês pela cana-de-açúcar brasileira. Amsterdã era o maior centro financeiro da época. Bancos neerlandeses financiavam a produção dos engenhos no Nordeste brasileiro. O litoral de Pernambuco era uma das mais importantes... na verdade era o mais importante de todas as regiões açucareiras do mundo.

Em 1637, chegava ao Brasil Colônia um dos maiores empreendedores neerlandeses: Maurício de Nassau. Sua presença deixou-nos uma herança cultural que ainda se pode ver hoje no Recife, capital do meu estado natal e uma das principais cidades do meu País. O legado visionário de Nassau continua a inspirar os empresários neerlandeses que hoje apostam no Brasil. Suas empresas fazem bons negócios e ajudam o desenvolvimento de nossos países. As empresas brasileiras, por sua parte, estão descobrindo a Europa e o mundo. Os Países Baixos, por suas vantagens logísticas, são plataforma ideal



para a internacionalização brasileira. Isso mostra o potencial de intercâmbio que temos à nossa disposição.

A cana-de-açúcar é um bom exemplo de como nossa parceria pode se renovar e reinventar. No Brasil Colônia, holandeses estiveram fortemente envolvidos no cultivo e comercialização do que era nosso principal produto agrícola. Séculos depois, a partir de 1975, alguns brasileiros, com espírito pioneiro, perceberam que tínhamos um potencial gigantesco de energia não aproveitado.

Muitos dos senhores conhecem o que temos feito, ao longo das últimas décadas. Desenvolvemos uma fonte energética alternativa ao petróleo. Uma fonte que gera empregos, desenvolvimento social e desempenha papel importante na contenção dos efeitos da mudança climática, sem comprometer a segurança alimentar.

Mais de três séculos após a época de Nassau, convido os empresários neerlandeses a renovar a aposta na cana e nos biocombustíveis brasileiros.

Caros empresários e empresárias,

Em 2007, os Países Baixos ocuparam a primeira posição entre os investidores estrangeiros no Brasil. Os investimentos somaram cerca de oito bilhões de dólares, um crescimento de mais de 200% em relação a 2006. Os Países Baixos contribuem, assim, para fortalecer as bases do nosso crescimento, criando empregos e aportando novas tecnologias.

A agenda de desenvolvimento do Brasil de hoje reserva um espaço adicional para a participação neerlandesa. O Programa de Aceleração do Crescimento, que lançamos há pouco mais de um ano, foi elaborado com o objetivo de garantir ao Brasil muitos anos de desenvolvimento sustentável. Mais importante: o programa tem forte componente social. O Programa de Aceleração do Crescimento prevê investimentos de mais de 270 bilhões de dólares até 2010 em centenas de obras em centenas de obras de habitação e saneamento, na infra-estrutura do Brasil, para melhorar o escoamento de



produtos e a oferta de energia. Quero chamar a atenção em particular para o programa de reaparelhamento de portos e estaleiros navais, campo de notória excelência neerlandesa.

Investir no Brasil é um bom negócio. Os números de nossa economia são eloqüentes. As reservas do Brasil – hoje de 200 bilhões de dólares – são superiores à dívida externa dos setores público e privado. Passamos de devedores a credores internacionais. As exportações e as importações quebram recordes históricos. A inflação está baixa e sob controle. Aumentamos o crédito, sobretudo, para as pequenas empresas e para as classes sociais mais carentes. O resultado é crescimento da produção e do consumo há 16 trimestres consecutivos. Desde que assumi o governo, foram criados 10 milhões de empregos, a grande maioria empregos formais. Vinte milhões de homens e mulheres saíram da pobreza absoluta. Ocorre um ciclo virtuoso de crescimento sustentável, centrado na incorporação de milhões de novos consumidores ao mercado interno. Como resultado desses sinais claros de estabilidade e de expansão, os investimentos crescem há 15 trimestres consecutivos. Recebemos 34 bilhões de dólares em 2007, o dobro do que recebemos em 2006.

Outro dado revelador: em 2006, aumentaram em 50% os investimentos brasileiros no exterior, em um total de 32 bilhões de dólares, fazendo do Brasil um dos 12 maiores investidores do mundo. Esse ganho de competitividade de nossas empresas não se deve apenas a uma situação internacional favorável nos últimos anos. Em outros bons momentos recentes da economia mundial, o Brasil não conseguia acompanhar os bons índices. Os números atuais da economia e a baixa vulnerabilidade em relação à crise nos EUA são resultado do ajuste que realizamos a partir de 2003. O aumento do superávit que fizemos de 3,75% para 4,25% do Produto Interno Bruto deixou a economia mais forte para enfrentar novas turbulências. Temos segurança de que o Brasil deverá crescer em 2008 mais do que os 5,4% que cresceu em 2007.



Estou convencido de que os Países Baixos e o Brasil estão longe de esgotar todas as possibilidades de interação econômica e que há ainda muito por cooperar, desenvolver e criar juntos. Dois países como os nossos, que constroem suas relações econômicas e comerciais sobre uma rica base de interesses complementares, têm a obrigação e a oportunidade de fortalecer sua parceria.

Meus amigos,
Empresários brasileiros,
Empresários neerlandeses,
Companheiros e companheiras,

Permitam fazer aqui um pequeno improviso e pedir para o intérprete se sacrificar um pouco mais. Eu volto para o Brasil convencido de que nós demos um passo muito importante na relação Países Baixos e Brasil. E não digo isso para agradar empresários brasileiros ou para agradar empresários neerlandeses. Eu digo isso porque, independentemente do que aconteceu em três séculos, em 1600 e pouco, a Holanda descobriu o Brasil, e por lá deixou muitas raízes, e deixou muitos nordestinos e muitas nordestinas que até hoje parecem que são filhos de holandeses. Está aí o nosso governador do estado de Pernambuco que tem uma única explicação para ter os olhos verdes: é a árvore genealógica dele ter alguma coisa a ver com a chegada de Maurício de Nassau ao Brasil. Mas mais do que isso, nós estamos determinados a garantir que o Brasil se transforme, definitivamente, em uma economia forte.

Eu estou com 62 anos de idade e em pelo menos 40 desses 62 anos, eu ouvi dizer que o Brasil poderia ser o país do futuro. E nós achamos que o Brasil não precisa mais ser o país do futuro, porque o futuro é agora. O futuro não pode ser... Nós temos trabalhado para não jogar fora nenhuma oportunidade que nos apareça. Nós sabemos que seremos mais merecedores da confiança de empresários de outra parte do mundo, na medida em que os empresários descubram, e ao mesmo tempo percebam, que nós estamos fazendo a nossa



parte, que nós estamos agindo com seriedade e que nós precisamos ser o exemplo para motivarmos investidores estrangeiros a aportarem no Brasil e fazer os investimentos.

Nós estamos determinados a fazer com que a América do Sul tenha um desenvolvimento mais equânime e que possa, quem sabe, construir com a União Européia um acordo entre a América do Sul e a União Européia, o Mercosul e a União Européia para que a gente dê complementação e dê seqüência ao acordo estratégico que o Brasil fez com a União Européia.

O Brasil, pela sua posição geográfica, é um porto de entrada para muitos países da América do Sul. E nós sabemos que a Holanda tem sido um porto de entrada de muitos produtos brasileiros pelo porto de Rotterdam. E isso pode ser aprimorado. Para isso, nós recuperamos a indústria naval brasileira que, na década de 70, foi a segunda maior do mundo e que, na década de 90, tinha desaparecido. Recuperamos os estaleiros, estamos fazendo novos estaleiros, estamos produzindo novos navios, estamos produzindo plataformas da Petrobras. E eu transformei o Ministério dos Transportes, que cuidava dos portos, eu criei uma secretaria especial só para cuidar de portos no Brasil.

É importante que vocês saibam que essas secretarias têm como tarefa fundamental e prioritária: primeiro, modernizar os portos brasileiros, torná-los mais competitivos, administrados de forma muito mais profissional para que a gente possa competir com Rotterdam, competir com Hamburgo, competir com qualquer outro porto do mundo com as mesmas vantagens, com a mesma política de desenvolvimento, com a modernização da nossa política aduaneira, para que um navio não seja obrigado a ficar três, quatro dias à espera de carregar ou de descarregar uma carga.

Ao mesmo tempo, nós estamos convencidos de que o Brasil, que estava habituado a ter uma balança comercial no máximo de 60 bilhões de dólares, até 2004, 2003, deu um salto para uma balança comercial de 165 bilhões de dólares. Ou seja, praticamente quase triplicamos a nossa balança comercial,



com a mesma infra-estrutura que nós tínhamos quando o Brasil tinha uma balança comercial de apenas 60 bilhões de dólares.

E nós queremos crescer mais. Queremos exportar mais e queremos importar mais. Por isso que nós estamos fazendo um investimento de praticamente 270 bilhões de dólares em obras de infra-estrutura nos portos, aeroportos, ferrovias, rodovias, gasodutos, hidrelétricas, linhas de transmissão, para que o Brasil possa oferecer a quem lá queira investir, as oportunidades de que não faltará, em infra-estrutura, logística e, muito menos, energia, para que as empresas possam produzir.

Eu estou dizendo isso para que os empresários neerlandeses possam conhecer o que significa o PAC. Eu sei que o Ministro estará viajando para o Brasil na próxima semana, e eu acho extremamente importante, Miguel Jorge, que ele possa ter um momento para ouvir uma boa exposição do que o PAC significa.

Só para vocês terem uma idéia, dentro do nosso Programa de Aceleração da Economia (Crescimento), nós estamos fazendo uma ferrovia entre o estado de Pernambuco e o estado do Ceará, mais o estado do Piauí, de mais de 1.700 quilômetros, e queremos inaugurá-la até 2010.

Estamos fazendo uma outra ferrovia, que é a ferrovia que liga a Ferrovia Leste-Oeste, na Bahia, uma ferrovia de 1.400 quilômetros, que vai ligar a já existente Norte-Sul ao Porto de Ilhéus, na Bahia, transportando não apenas os produtos agrícolas produzidos na região na Bahia como, também, a produção de minério existente naquela região.

Mais importante do que isso é que estamos, até outubro, queremos fazer o trem-bala. Não sei se a Holanda é especialista em trem-bala, mas estamos pensando em fazer a licitação, concluindo o projeto executivo de um trem-bala, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo-Campinas, Campinas-São Paulo e Rio de Janeiro. É um projeto muito grande e é um projeto que nós estamos determinados a fazer, e obviamente que queremos fazê-lo com a iniciativa



privada, nós não queremos fazer uma coisa pública.

E, por último, eu gostaria que os empresários neerlandeses se dispusessem a participar mais ativamente da discussão sobre biocombustíveis. Nós vamos fazer um grande seminário internacional, em novembro, no Brasil, para discutir biocombustíveis. Gostaríamos que não apenas o governo, mas os empresários estivessem presentes, porque nós queremos fazer um debate racional, um debate com uma dosagem de informações técnicas e científicas muito forte, e não permitir que a gente fique fazendo debate apenas com o viés ideológico, ou seja, se a cana vai substituir o feijão ou o arroz, ou se o arroz vai substituir. Já tem charge no jornal de hoje, passando a idéia de que o biocombustível é que está causando inflação, por conta dos alimentos. O que é uma falácia, uma mentira deslavada, de quem não entende ou de quem não quer entender.

Nós temos, hoje, mais de 1 bilhão de seres humanos vivendo abaixo da linha da pobreza. Nós temos 1 bilhão de seres humanos que não conseguem comer as calorias e as proteínas necessárias ao ser humano, sem que haja a produção de biocombustível. E nós temos clareza de que é amplamente possível compatibilizar, em muitos países do mundo, a produção de etanol, a produção de biodiesel, com a produção de alimentos.

Eu peço a todos vocês que, ao analisarem a questão dos biocombustíveis, não analisem a partir da lógica do território da Holanda, ou do território de um país europeu, porque vocês já estão prontos, vocês já estão com a casa arrumada. Eu dou sempre o exemplo de que aqui na Europa as coisas foram tão arrumadas que parece casa de um casal recém-casado. Está tudo no lugar.

Mas é preciso olhar a produção de biocombustível, do etanol e do biodiesel a partir de outros territórios. Olhemos o mundo a partir da América Latina, olhemos o mundo a partir do território africano, olhemos o mundo através de alguns países asiáticos, que têm sérios problemas de crescimento



econômico. E, aí, nós vamos perceber que há um espaço extraordinário para que a gente possa fazer parceria entre o Brasil e a Holanda, entre a Holanda e a Alemanha, entre a Alemanha e a França, entre a França e o Brasil, entre a França e a Argentina, para que possamos produzir novos combustíveis a partir de países que hoje não produzem nada, e que têm problemas muito sérios de desenvolvimento.

E não é muito difícil, porque hoje nós importamos petróleo de 10 países que, praticamente, mantêm o monopólio do petróleo. E nós falamos tanto em aquecimento global, aprovamos o Protocolo de Quioto e, certamente, vamos aprovar outros protocolos pela frente.

O dado concreto é que a cada dia que passa, nós produzimos mais carros, usamos mais gasolina, usamos mais combustíveis, emitimos mais CO₂, poluímos mais o Planeta e aumentamos mais o aquecimento global. Vamos mudar isso ou não vamos? O Brasil está apresentando uma alternativa. Nós produzimos combustíveis que não emitem CO₂, menos poluentes, mais geradores de empregos, muito mais geradores de empregos, portanto, muito mais importantes para o mundo subdesenvolvido que, certamente, irá beneficiar o mundo desenvolvido.

E para terminar, eu quero dizer para vocês que, em 2002, eu fiz uma campanha presidencial e comprei uma briga durante a campanha, dizendo que nós iríamos produzir plataforma de petróleo no Brasil. Os meus adversários diziam que o Brasil não tinha tecnologia e não tinha competência para produzir plataforma. Fizemos a disputa, ganhamos as eleições. E, hoje, todas as plataformas produzidas no Brasil já têm 75% de componentes nacionais, mais a mão-de-obra nacional. Agora, uma plataforma para produzir petróleo é muito cara. Eu fui, agora, no estado do Rio Grande do Sul, fazer uma visita a P-53. É uma plataforma, só para vocês terem idéia, maior do que um estádio de futebol, ela é 40 metros maior do que Estádio do Maracanã. Uma plataforma dessa custa quase 2 bilhões de dólares. E o Brasil, agora, descobriu uma



grande jazida de petróleo. A camada pré-sal está há praticamente a sete mil metros de profundidade. São dois mil metros de lâmina d'água, três mil metros de rocha e dois mil metros de sal. Eu trabalho com a convicção de que, em 2010, nós já estaremos tirando o primeiro barril de petróleo dessa nova jazida. E, certamente, o Brasil passará a ser um dos maiores produtores de petróleo do mundo e exportador de petróleo.

Eu só lamento, meu querido Eduardo Campos, não ser o presidente do Brasil quando tudo isso estiver pronto, para participar da OPEP, só lamento. Mas, de qualquer forma, o fato do Brasil ser auto-suficiente em petróleo e virar exportador de petróleo não significa que o Brasil vai diminuir o seu ímpeto e a sua vontade na questão dos combustíveis renováveis. Por uma razão muito simples: para produzir uma plataforma, além de mão-de-obra altamente qualificada e além de gastar 2 bilhões de dólares, 1 bilhão e meio de dólares, eu preciso atender, quem sabe, sete ou oito mil trabalhadores, trabalhando.

Por que me entusiasmam os biocombustíveis? Porque o trabalhador mais comum do mundo, até um analfabeto, pode cavar uma covinha de 30 centímetros e plantar uma semente que, alguns meses depois, lhe dará uma semente que vai produzir um combustível. Ou plantar um pé de cana que, poucos meses depois, vai lhe dar etanol e depois, ainda, vai produzir energia elétrica.

Bem, como eu disse no começo, no mundo desenvolvido está tudo mais ou menos arrumado, tudo mais ou menos estabilizado. Agora, o desafio é se nós, se o Brasil não é um País rico, embora tenha potencial para ser rico, se nós que já conquistamos a nossa cidadania estamos dispostos, no século XXI, a fazer com que os países pobres, do século XX, e mais o continente africano, tenham a oportunidade de produzir para nós o combustível que hoje produz a Arábia Saudita, o Iraque, Kuwait, o Catar, a Líbia, a Venezuela, o Brasil, a Rússia. Nós estamos oferecendo outra oportunidade. Na verdade, o que nós estamos propondo é democratizar o combustível no mundo e não permitir que



fique apenas na mão de 10 ou 12 países o controle. E é muito engraçado, porque ninguém reclama. O preço do petróleo sai de 12 dólares o barril, 20 dólares o barril para 102 dólares o barril e nós fingimos que não está acontecendo nada no mundo, porque todos nós somos dependentes, porque todos nós temos apenas uma matriz energética na área de combustíveis.

Nós sabemos que carro a hidrogênio ainda está longe para ser produzido. Nós sabemos que carro tocado a bateria vai deixar muita gente na estrada. Nós sabemos que o combustível, seja do petróleo ou outra coisa qualquer, é a solução. E o Brasil tem essa solução, tem tecnologia e tem provas. Cem por cento dos carros brasileiros vendidos no mercado interno, são flex-fuel. Aliás, eu acho que os nossos empresários deveriam receber o Ministro do Desenvolvimento no aeroporto com carro flex-fuel, para ele andar, Miguel Jorge, para que ele possa andar com o carro flex-fuel todo o tempo em que ele estiver no Brasil. Para ele ver a qualidade... E depois, você vai ver que não tem o mau cheiro do petróleo, não tem aquela fumaça preta do petróleo. Então, eu acho importante.

Por isso eu queria fazer um desafio a todos os empresários aqui presentes. Eu propus ao primeiro-ministro que nós criássemos um grupo de trabalho para que a gente aprofundasse essa discussão, para que nós pudéssemos fazer projetos conjuntos para terceiros países. E gostaria que o Miguel Jorge aproveitasse a ida do Ministro, para que nós pudéssemos começar uma longa e profícua parceria na produção de combustível, para mudarmos a matriz energética do mundo.

Com essas palavras, eu quero agradecer a todos vocês o carinho com o qual fui recebido aqui. Certamente não tive a oportunidade de conhecer um bar aqui na Holanda. Esse é o prejuízo da visita de Estado, é que tudo é oficial. E quando tudo é oficial, a gente termina não conhecendo o país que a gente visitou. Mas, de qualquer forma, eu sou muito agradecido pelo carinho com que a Rainha nos tratou, pelo carinho com que o presidente da Câmara e do



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Senado nos receberam, pelo carinho com que os ministros nos trataram e eu espero que continuem nos tratando, até quando pegarmos o avião para ir embora para a República Tcheca. E dizer que estaremos no Brasil recebendo vocês de braços abertos.

Um abraço e muito obrigado.

(\$211B)